

RESGATANDO O COCO DE RODA DE UMA COMUNIDADE LOCAL: MAIS UM PASSO RUMO A CIDADANIA

Yasmim Maria Santiago de Lima, Thayná Souto Batista, Maria das Dores Trajano da Silva,
Juliana Soares. Orientadora Profa. Dr^a Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Universidade Estadual da Paraíba- yasmimmariasantiago@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de uma experiência docente realizada por alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em uma escola pública do município de Queimadas, onde foi desenvolvido um projeto abordando a manifestação cultural local a partir do “Coco de roda”. No referido projeto, foi explorado, ainda, sobre alguns artistas do nordeste e sua importância na construção de uma sociedade mais justa que reconhece sua origem e valoriza o seu povo. Nesse sentido, destacamos a importância de resgatar a cultura popular, de forma específica, a cultura local, uma vez que fomenta nos alunos o interesse em resgatar e valorizar a sua própria cultura, os sensibilizando para a valorização de suas raízes, bem como das diversas identidades culturais. Nossa intenção aqui não é uma discussão aprofundada sobre as manifestações e identidades culturais, mas mostrar a nossa experiência enquanto professoras, embora saibamos da importância dessa abordagem no contexto escolar. Diante disso, realizamos oficinas, cujo objetivo constituiu-se em trabalhar com as crianças um pouco da nossa história para despertar a curiosidade delas para as tradições locais e aguçá-las para a preservação das mesmas como uma forma de construção do indivíduo e suas diferenças culturais.

Embora haja muitas discussões acerca da Dança popular “Coco de roda”, aqui, ressaltamos uma definição posta no Dicionário Musical Brasileiro (ANDRADE, 1989, p. 146):

1. Dança popular de roda, de origem alagoana, disseminada pelo Nordeste. É acompanhada de canto e percussão (ganzá, pandeiro, bombo e outros). O refrão é cantado em coro, que responde aos versos do “tirador de coco” ou “coqueiro”. Nota-se, em disposição coreográfica, visível influência indígena. [...] Existe uma enorme variedade de tipos de coco, que recebem suas designações pelos seus instrumentos acompanhantes (coco de ganzá, de zambê) pela forma do texto poético (coco de décima, de oitava) ou por outros elementos. Acredita-se que o coco já vem dos negros de Palmares que o criaram como um canto

Muitos estudos revelam que o “Coco de roda” teve sua origem no trabalho, especificamente pela quebra de cocos pelos negros escravos que ao bater um coco no outro para tirar as amêndoas, provocavam um ritmo.

De acordo com Vilela (1980, p.17),

[...] os negros sentavam-se no chão, colocavam o duro coco seco sobre uma pedra e batiam com outra até que ele rachasse. A grande quantidade de negros empenhada neste serviço provocava nas pedras uma zuada (sic) enorme que se misturava com os seus costumeiros alaridos. E em meio a estas barulhentas reuniões, alguns começavam a cantar, outros levantavam-se e davam início a um forte sapateado e os demais uniformizavam a pancada das pedras para acompanhar aquele estranho ritmo que surgia. E os negros renovavam sempre a brincadeira e a coisa virou costume, pois a quebra do coco terminava sempre em cantiga e em dança.

O coco, nesta comunidade, é formado por pessoas que se reúnem em uma roda, onde todos fazem a musicalidade através de batidas dos pés no chão, acompanhado com as palmas de mão, no centro da roda se reúnem casais que puxam as danças com mais independência, enquanto os demais giram e movimentam a roda de maneira mais lenta. Os movimento das pessoas podem modificar-se durante o desenrolar da dança, podendo ir apenas uma pessoa para o centro da roda e puxar as cantigas, utilizando-se de uma pratica de cantoria do coco, que exige do cantador que seja feitas perguntas cantadas e os demais integrantes da roda interajam respondendo a essas perguntas. O coco é difundido por todo Brasil, e mesmo tendo as mesmas características nos diversos lugares recebe variados nomes, é diferenciado classificado com vários nomes até no nordeste.

De acordo com D’Amorim; Araújo (2003, p.113),

É dança executada em todo o Brasil, embora no sul tome a designação de *samba* ou *pagode*; no norte, de *carimbo* e no nordeste, de *coco*, mas com as mesmas características. No nordeste, enquanto Coco também recebe várias nomes como: Coco de Ganzá, Coco de Roda, Mineiro Pau, Coco Praiano etc [...].

Ressaltamos que o Coco é uma dança afro- brasileira que recebeu influência das danças dos países colonizadores, dos africanos e o nativo ameríndio, e essa mistura de cultura é responsável pela nossa formação étnico-cultural, quando falamos de danças brasileiras não podemos esquecer essas influencias, pois foram essas responsáveis pelas diversas manifestações de diversidade na dança que temos no Brasil. Essas diversidades vão sendo difundidas de acordo com o passar do tempo, as práticas de dança eram realizados tanto pela

alta corte das colônias quanto pelos menos favorecidos que praticavam essas danças nos terreiros , a diversão através da dança atraía atenção da população brasileira em geral (D'AMORIM; ARAÚJO) Pertinente ao ritmo “Coco de roda”, projeto que desenvolvemos, a perspectiva é incentivar as crianças para a produção de instrumentos musicais (com materiais recicláveis), pintura em tela que retrate o tema abordado, identificação de alguns artistas nordestinos que fazem uso desses instrumentos musicais e compreender a dança e o ritmo no geral. Como já falamos, o projeto almeja o resgate de uma tradição local (coco de roda), o incentivo a pratica da mesma na comunidade como um todo, e a busca não somente as produções artísticas pelas crianças, como o entendimento delas para cada objeto confeccionado a respeito do seu lugar e sua origem. E por meio disso introduzir a musica, literatura, artes e cultura local.

Na Educação Infantil é muito importante que a música e a dança estejam presentes nas aulas cotidianamente, pois a presença da musicalidade e ritmos de dança contribui para o desenvolvimento psicomotor e a oralidade das crianças. Nesse sentido, a construção de instrumentos musicais é um grande incentivo para despertar a curiosidade pela musica. Tendo em vista o desenvolvimento desses aspectos na criança, pensamos que é de extrema importância incentivar elas a também conhecer e desbravar da sua cultura local, e conscientizá-las a resgatar essas culturas esquecidas por sua comunidade, reafirmando novamente suas raízes e costumes antes esquecidos. E com esse reconhecimento, proporcionar que essas crianças identifiquem o seu lugar na sociedade como ser construtivo e que constitui a sua identidade.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2008).

Proporcionar as crianças a fazer parte do resgate da cultura de sua comunidade é de extrema importância, pois elas irão observar como é rica e divertida a sua historia, sendo respeitado sempre o direito da sua aprendizagem através de suas experiências, interações, brincadeiras e compreender, através dessa construção conjunta, como é importante preservar e conhecer a essência da nossa cultura para as demais gerações e para si mesmo.

Quando falamos de cultural, pensamos em nosso lugar de origem, no que é nosso e muitas vezes esquecemos de investigar de onde surgiu tanta diversidade. Com o passar do tempo, muitas vezes, essas tradições locais vão sendo esquecidas mesmo com tanta riqueza

cultural para nossa sociedade, elas não são passadas para as gerações futuras e terminam por serem abandonadas por nossos jovens. É o que está acontecendo com o “Coco de roda”, uma dança de matriz africana que mostra de certa maneira o berço da construção de nossa sociedade. Como já falamos, tentando resgatar essa tradição, desenvolvemos esse projeto visando nele um potencial transformador para a sociedade, pois a dança e a música faz parte da diversão social de modo geral desde os primórdios das civilizações.

De acordo com Ruggeri (2004, p.230),

O ser consciente-sensível, ao conscientizar-se de sua existência individual, conscientiza-se de sua existência social. Ao perceber e interrogar-se, ele interroga o mundo externo. [...] O aspecto individual está interligado ao aspecto coletivo, atuando, um sobre o outro, mas sempre levando em conta, que ‘todo perceber e fazer do indivíduo refletirá seu ordenar íntimo’, sua maneira singular de ver e sentir o mundo [...].

A escola tem papel fundamental para a valorização e manutenção das culturas populares. Quando a escola proporciona esse enfoque para a diversidade, a comunidade volta às atenções para o que a escola quer dizer, e ajudam a desenvolver o que é proposto, mas tudo depende inicialmente de uma capacidade de observação da comunidade escolar sobre essas questões, por isso, é tão importante essa relação escola/comunidade. Buscamos colocar na sociedade sujeitos capazes de pensar no coletivo e que se posicionem diante das adversidades produzidas durante a sua vida, queremos educar para o social e em prol da sociedade.

A educação para a cultura deve ser incentivada desde cedo, pois além de colocar a criança num papel transformador na sociedade, ajuda no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Os desafios lançados a elas para que construam instrumentos sonoros para sua diversão, instiga a sua aprendizagem, pois o ser humano gosta de ser desafiado, enquanto que a criatividade é aguçada. Tendo em vista que o ser humano se constitui um ser cultural, podemos dizer que a cultura é de extrema importância para todo indivíduo em uma sociedade justa e que deve ser respeitada por todos e preservada para o bem social e para a continuidade. Nesse sentido, a cultura popular deve ser trabalhada na escola desde a Educação Infantil. É uma forma de educar para conscientizar novas atitudes de respeito e responsabilidades com a nossa história cultural.

Pretendemos apresentar a essas crianças como pode ser divertido conhecer a nossa cultura através do meio artístico, provocá-las a pesquisar e criar coisas que possibilitem o brincar e o aprender de forma criativa. Desenvolver nelas a prática da observação e conscientização para mantê-las nas tradições da comunidade. Proporcionar a essas crianças o

acesso e integração na comunidade escolar do “Coco de roda”, a descoberta e experimentação de variações musicais e de ritmos é de extrema importância.

Diante do exposto, buscamos proporcionar o acesso a materiais diversos; desenvolver o interesse pela música local; apropriar as crianças da cultura local; produzir instrumentos musicais (pandeiro, ganzá, tambor); apresentar a comunidade do “Coco de roda”; incentivá-las a participar da comunidade do “Coco de roda”; aguçar as crianças a ser o agente da mudança na sua comunidade; incentivá-las a se expressar através de pintura em tela; reconhecer artistas da nossa região e seus instrumentos mais evidenciados; desenvolver a oralidade através da música e cantoria das cantigas de roda; compreender o significado de algumas palavras relacionadas às cantigas e instrumentos para melhorar e ampliar o vocabulário; proporcionar as várias formas de expressão através da linguagem oral e corporal; desenvolver a escrita espontânea através das músicas dos artistas nordestinos abordados; compreender noções de sentido espaço-temporal, e fazer uso nas discussões sobre o lugar de origem dos personagens musicais abordados; proporcionar o reconhecimento de cores e suas combinações nas obras produzidas abordando o tema; identificar e compreender as sequências de montagem dos objetos (instrumentos musicais); compreender elementos que se relacionam, entre formas, tamanhos, utilizando os materiais com formas e tamanhos semelhantes e diferenciados; identificar-se e reconhecer-se como ser integrante e produtor da mudança social; manter boa relação com as diferenças e semelhanças que unem o indivíduo ao social; compreender a formação da relação escola/comunidade e interagir por meio dessa para compor conjuntamente a mudança social; construir uma identidade singular e social enraizando a cultura e imagem positiva do seu grupo de pertença; compreender a diversidade encontrada na nossa região e aprender a relacionar-se de forma positiva com as diferenças; socializar-se através das participações nas cantigas de roda e expressar-se gestualmente com os sons produzidos pelos instrumentos utilizados no “Coco de roda”; apreciar variados ritmos e músicas de artistas nordestinos; entender a diversidade de danças e músicas que incentivam o “Coco de roda”; expressar-se acompanhando os sons instrumentais com passos de dança; compreender a estrutura das cantigas do coco (pergunta/resposta); identificar a dança e a música como produto da construção social através da cultura local; utilizar materiais recicláveis como meio para criação e transformação em algo novo e útil para as atividades do cotidiano; compreender as diversas maneiras de manifestação do meio artístico nas áreas de dança, música e pintura; Ilustrar através de pinturas em telas a compreensão sobre os temas abordados; utilizar-se de forma criativa dos materiais oferecidos para o desenvolvimento das

atividades de pintura e montagem de instrumentos e explorar os cuidados com a preservação do que foi produzido seja material ou cultural.

2. METODOLOGIA

Este projeto foi pensado e elaborado para acontecer em quatro momentos no decorrer de um mês, no espaço escolar em uma sala regular de Educação Infantil. A sala de aula foi organizada para proporcionar a mobilidade para confecção dos instrumentos musicais como também a utilização dos mesmos, buscamos produzir os objetos com materiais acessíveis que as crianças tivessem contato no seu cotidiano familiar e escolar.

Em um primeiro momento, foram apresentadas para as crianças as colaboradoras do projeto para que fosse criados laços de confiança e evitar desconforto e não interromper o desenvolvimento das atividades propostas. Em seguida, foi proposta uma roda de conversa onde abordamos as crianças sobre o conhecimento musical delas com perguntas como: “O que você gosta de ouvir?”, “Quais artistas gostam mais?”, “Gostavam de dançar?”, entre outras perguntas para levantar os conhecimentos prévios das crianças e trabalhar de acordo com esses conhecimentos e as nossas propostas. Logo após a roda de conversa, organizamos as crianças para assistir um vídeo sobre artistas de Campina Grande que fazem músicas rimadas e utiliza o instrumento musical ganzá, dando ênfase a um grupo específico de artistas conhecidas como “As ceguinhas de Campina”. O vídeo mostrava a vida dessas mulheres no meio artístico desde a infância, onde elas declaravam a importância da música para transformação e superação das suas dificuldades. Com término do vídeo, orientamos as crianças a falarem sobre o que tinham observado no vídeo e o que elas tinham gostado mais e se elas gostariam de construir o instrumento utilizado pelas artistas. Após as respostas, demos início a confecção do instrumento musical. Para isso, foi elaborado um passo a passo de como construir este objeto que foi apresentado para facilitar o trabalho de produção. Os materiais utilizados para confeccionar foram copos descartáveis, tinta, pincel, grãos de arroz, cola, e fita adesiva. Com a finalização da produção, formamos uma roda de música rimada com a utilização dos instrumentos e com a cantoria da música mais conhecida das artistas.

Na segunda etapa, organizamos a sala com o mesmo propósito de oficina. Convidamos as crianças para assistir um vídeo que contava a história do artista Jackson do Pandeiro, uma breve história das suas obras musicais e seu trabalho pelo Brasil. Além da história de vida do artista, mostramos um show no qual ele utilizava o pandeiro para complementar a apresentação. Após o vídeo, fizemos uma roda de conversa para discutirmos, com as crianças,

sobre o acesso aquele instrumento, se elas já utilizaram, se conheciam o artista ou alguma música de autoria do mesmo. Em seguida, foi proposta a construção de pandeiros: primeiro apresentamos os materiais a serem utilizados como latas de doce, tinta, tampas de garrafa PET, barbante e pincéis.

Logo após, propomos uma forma de construção do objeto, mas deixando elas a vontade para produzir com criatividade, apenas auxiliando quando buscavam a nossa ajuda. Ao término das produções, reunimos todos em uma roda, incentivando a conversar sobre o que tinham aprendido nesta tarde. Em seguida, após as inúmeras respostas brincamos com os instrumentos e cantamos algumas músicas do artista.

Para a terceira etapa, propomos a construção do instrumento zabumba. Na ocasião, foram apresentadas para as crianças músicas de trios nordestinos de forró, o qual demos destaque aos zabumbeiros. Conversamos e questionamos as crianças e pedimos as opiniões sobre o instrumento como “se gostaram do som”, “se tinham interesse em aprender”. A resposta nos animou a propor a construção do instrumento, então, reunimos todos e demos início a produção artística depois da apresentação dos materiais: lata de alumínio, barbante, fita adesiva, palitos de madeira e cola. Este instrumento foi construído coletivamente e logo após o término da produção, incentivamos elas a tocarem o instrumento e experimentarem diferentes sequências rítmicas.

Num segundo momento, reunimos todos para uma roda de conversa sobre os instrumentos confeccionados nas aulas e sobre a importância deles para a tradição do “Coco de roda”. As crianças foram questionadas e instigadas a exporem o que entendiam sobre o assunto. Após as respostas, explicamos de forma mais aprofundada para elas do que se tratava essa dança, a sua história e a tradição na comunidade local. Abordamos, também, a importância do resgate dessa tradição para a comunidade e o provocamos a sentirem-se como parte importante nessa retomada das tradições locais. Além disso, explanamos sobre os benefícios da dança para a saúde corporal e mental de todos e proporcionamos um momento para darem sugestões sobre o tema abordado. Em seguida, reproduzimos um vídeo com uma apresentação do “Coco de roda” da escola, onde a gestora, professoras e alunos participam juntamente com os últimos integrantes do “Coco de roda” da comunidade. Ao término da exposição, montamos uma grande roda e entregamos os instrumentos produzidos durante o projeto para as crianças e convidamos a professora responsável pelo “Coco de roda” na escola para dançar na sala e nos ensinar os passos da dança. Após a apresentação participativa da professora com a turma, conversamos com as crianças e propomos que elas falassem sobre o que mais tinham gostado e se continuariam a dançar o Coco e futuramente integrar-se ao

grupo de dança da escola. Nesse sentido, tivemos muitas respostas positivas e muita interação. Para finalizar, propomos um abraço coletivo e uma cantoria com músicas tema da dança trabalhada.

No quarto momento, objetivamos a construção de uma obra coletiva que represente o “Coco de roda” na sua história. Organizamos a sala para realizar a oficina de pintura, utilizando folhas de material reciclado, tinta, pincel e papelão. Reunimos as crianças e conversamos sobre as vestimentas usadas pela professora na aula anterior. Antes, fizemos um padrão de vestimenta para a dança para melhor compreensão por parte das crianças. Em seguida, entregamos os materiais às crianças e pedimos que desenvolvessem pinturas que retratassem os momentos vivenciados na apresentação do “Coco de roda” e nos dias anteriores do projeto para futuramente fazermos uma exposição para toda a comunidade escolar. Ao término das pinturas, convidamos as crianças a conhecerem o acervo de instrumentos musicais para o “Coco de roda” na escola, onde eles tiveram acesso a uma variedade de instrumentos, entre eles, podemos destacar os mais usados no “Coco de roda”, por exemplo, o pandeiro, ganzá, reco-reco, flauta, zabumba, triângulo, castanhola, tambor, entre outros. Podemos utilizar os instrumentos em uma aula expositiva para toda escola. Em seguida, construímos um mural para expor o projeto para toda comunidade e, com ajuda das crianças, montamos o mural com fotos e objetos construídos durante o período de desenvolvimento do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este projeto proporcionou a melhor interação entre seus participantes. Através do contato e produções coletivas, fomos capazes de trocar experiências e conhecimentos acerca dos assuntos abordados. Desenvolvemos a oralidade das crianças de uma forma divertida e criativa, incentivando-as a produzir e serem criativas, além de introduzi-las na cultura local. Com tudo, demonstramos, na prática, como pode ser divertido conhecer sua origem e história local através de seus artistas e familiares. Nesse sentido, integramos as crianças na tradição do “Coco de roda”, conduzindo-as a cuidar e preservar a sua cultura, fazendo com que as mesmas se sentissem importantes perante seus grupos de pertença como também os demais grupos. A compreensão e ampliação do vocabulário dessas crianças foram bastante positivas, pois através das conversas e rodas de cantorias, elas tiveram acesso a uma imensidade de palavras e, através disso, pudemos instigá-las a descobrir os significados com seus pais e avós e também em sala. O projeto abriu um leque de possibilidades de aprendizagem, despertando a atenção e curiosidade para a cultura musical e da dança da nossa região.

Possibilitamos, também, um contato extracurricular com a família das crianças, quando proporcionamos a essas levarem os instrumentos para casa, incentivando-as a questionarem seus pais sobre os seus conhecimentos sobre as danças e músicas locais. Essas propostas de investigação por parte das crianças no seu lar, nos possibilitou um melhor acesso às ideias e compreensão das mesmas, pois ao lançar ideias de produção artística recebíamos também sugestões criativas delas para modificar canções e até passos da dança. Inicialmente buscamos alcançar uma conscientização social das tradições locais por parte das crianças e acabamos por também transformar de forma positiva as relações entre as famílias.

4. CONCLUSÃO

Diante do vivenciamos no desenvolvimento do nosso projeto, entendemos que é necessário buscarmos alternativas criativas e de transformação social para educar nossas crianças, deixando-as cientes de seus deveres, como também direito de conhecer e explorar sua história e relações sociais. Quando propomos algo inovador e que pode ser produzido de forma divertida, temos melhor aceitação de nossas crianças, podendo assim ir além de ensinar numa perspectiva mecanicista. Faz-se necessário compreender a criança como sujeito produtor e produto da cultura, respeitando seus direitos.

Percebemos que existe uma preocupação antiga por parte da gestão da escola em relação ao resgate dessa tradição na comunidade, com a formação de um grupo específico na comunidade escolar que apresentasse em eventos da escola e fora dela, mas nada antes foi pensado em relação ao resgate do “Coco de roda” para a Educação Infantil. Analisando estes aspectos, compreendemos a importância da integração da escola na preservação das culturas da comunidade, pois quando a escola se envolve em um projeto com propostas tão ricas para os indivíduos, a comunidade passa a dar mais atenção e enfoque para as propostas. Isso só reforça o poder transformador que a escola e seus integrantes têm perante as adversidades sociais e em suas construções. Devemos incentivar, desde cedo, o respeito à diversidade e o conhecimento de si mesmo nas crianças para que possamos obter uma criança consciente de sua história, um sujeito que pensa não somente no individual, mas que desenvolva uma percepção de coletividade. Buscamos desenvolver uma criança cidadã, e pensando neste contexto, a música e dança são formas positivas de colocar as crianças diante de situações que as façam questionarem sua posição social e passar a enxergar-se como ser participante, importante e transformador da sua realidade social.

Compreendemos que a escola deve favorecer essas discussões sobre as culturas de divertimento social, pois elas marcam épocas importantes na história dessas comunidades e

que as crianças devem ter essa consciência social da sua cultura. Quando pensamos neste projeto, buscamos uma educação para cidadania, não nos reportamos apenas às questões de aprendizagem no âmbito escolar, mas, além disso, queremos transformar as relações entre escola e comunidade numa parceria não apenas burocrática, mas também de conhecimentos discutidos e analisados por ambas as partes.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARAÚJO, Dinalva; D'AMORIM, Elvira. **Do Lundu ao Samba: pelos caminhos do coco**. João Pessoa: Idéia/Arposdor, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. 3 ed. Brasília, DF. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> > Acesso em 02 jul. de 2018.

DUPRAT RUGGERI, Maria Carolina. Criatividade e Processos de Criação; v.15, n. 2 (44) – maio/agosto 2004.

PRETUSSAL. **Jackson Do Pandeiro-Sebastiana**. 2007. (4m2s). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=0CJTasvSjmA&feature=youtu.be> > Acesso 31 jul.. 2018.

PROGRAMA DIVERSIDADE. As ceguinhas de Campina Grande. 2009. (6m41s). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=F8VA7-9GVw4&feature=youtu.be> > Acesso em 30 jul. 2018.

VIDEOS EDUCATIVOS. **História- jackson do pandeiro**.2013. (2m0s). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Xp1B9zuzgdI&feature=youtu.be> > Acesso 31 jul. 2018.

VILELA, Aloísio. **O coco de Alagoas: origem, evolução, dança e modalidades**. Maceió: UFAL, 1980.